

O TÓPICO DISCURSIVO COMO CATEGORIA ANALÍTICA TEXTUAL-INTERATIVA

CLEMILTON LOPES PINHEIRO
(UFAL)

ABSTRACT *Our purpose is to show that the discursive topic can be taken as analytic category in the studies of textual-interactive processes. We will discuss this thesis taking the analysis of metadiscourse, process textual-interactive current in genre textual, spoken and written.*

1. INTRODUÇÃO

O enfoque textual-interativo, desenvolvido no Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), concebe o texto como algo simultaneamente estruturado e emergente. A partir disso, postula-se que os dados pragmático-situacionais se introjetam no texto, de forma que o interacional é inerente ao lingüístico.

O texto, enquanto realização concreta da atividade interacional, emerge de um jogo de atuação comunicativa, que se projeta na sua materialidade lingüística. Em decorrência, observam-se, na superfície textual, marcas do processo formulativo-interacional, a serem detectadas nas descrições da organização do texto. (KOCH et al., 1994, p. 5)

Para que se verifiquem os processos globais de organização textual-interativa, é necessário isolar convenientemente as informações do texto e acompanhar os seus diferentes estágios de desenvolvimento, através de unidades analíticas menores compatíveis com essa forma de concebê-lo. Essa é a questão que proponho para discussão, neste trabalho. Meu objetivo é mostrar que, a partir do princípio de que a topicalidade é uma propriedade da organização do texto, o tópico discursivo pode ser tomado como categoria analítica nos estudos de processos textuais-interativos. Ilustro a questão com a análise de formulações metadiscursivas, enquanto processo textual-interativo corrente em diferentes gêneros textuais, falados e escritos.

2. A ORGANIZAÇÃO TÓPICA DO TEXTO

A noção de tópico discursivo vem, há algum tempo, se apresentando nas discussões de diversos autores. Em boa parte deles é associado ao “assunto”, tema que sintetiza um segmento discursivo. É o que aparece, por exemplo, nos trabalhos de Givón (1993), Brown & Yule (1983), Gorski (1994) e Jubran et al (1992), só para citar alguns.

Não pretendo fazer uma apresentação aprofundada acerca da discussão que todos esses autores levantam sobre a questão que envolve o conceito de tópico. O que julgo pertinente mostrar, aqui, é a idéia comum de que o tópico sintetiza um fragmento de discurso coerente, sem que seja, via de regra, explicitamente mencionado pelo falante/escritor. O tópico se relaciona com os assuntos tratados no texto. Trata-se de um conceito consensual, conforme destaca Fávero (1999, p. 39): “é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc”.

O tópico, portanto, se identifica com a questão de interesse imediato, serve para descrever o conteúdo sobre o qual se fala/escreve e sinaliza a perspectiva focalizada. Nesse sentido ele é visto como uma categoria analítica, de base textual-discursiva, ou seja, relaciona-se ao plano global de organização do texto. Mas é também uma categoria interacional, pois é resultante da natureza interativa e colaborativa do discurso. Segundo Jubran et al. (1992, p. 361), a construção tópica envolve “um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições”. Esses fatores envolvidos na construção do tópico o caracterizam como uma categoria interacional.

Para Mondada (2001), os objetos de discurso elaborados pelos locutores são entidades que não nascem de uma relação de especulação com os objetos do mundo ou de uma representação cognitiva, pelo contrário, são entidades interativa e discursivamente produzidas pelos participantes de um evento comunicativo. Os objetos de discurso são constituídos nas e pelas relações discursivas. Por essa razão, eles não são pré-existentes ao discurso e não apresentam estrutura fixa, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. Ainda segundo essa autora, os objetos de discurso podem assumir um estatuto particular no discurso e na interação. Uma vez identificados, reconhecidos e definidos como tais pelos próprios participantes, podem ser assim tratados como tópicos, isto é, objetos considerados e manifestados como o assunto sobre o qual o discurso se porta.

Essa perspectiva de Mondada (2001) ratifica a idéia de que o tópico discursivo é uma entidade pertinente para os locutores, que atribuem a ele propriedades específicas, conforme suas práticas interacionais.

O fato de não se encontrar necessariamente materializado no texto, mas de ser dele extraído pelo analista, desencadeia a crítica de que a noção de tópico é intuitiva e, dessa forma, apresenta dificuldades de operacionalização. É verdade que a comunicação humana supostamente se faz em torno de um tema, um assunto, mas nem sempre é fácil identificar esse assunto. No entanto, os traços de concernência e relevância que precisam a contração, uma das características do tópico, segundo Jubran et al. (1992), se apresentam como um critério a partir do qual o tópico pode ser identificado e apreendido. Ilustro a aplicação desse critério, no trecho a seguir¹.

(01)

[8 O sucesso da droga sugere que o espectro da impotência é mais amplo no Brasil que em países como o Japão ou a Argentina, nos quais a aceitação da pílula azul foi mais restrita. A impressão é falsa. O Japão rejeitou o Viagra pela rigidez de sua cultura. Na Argentina, o remédio custa caro. Sai pelo dobro dos R\$ 76,68, preço máximo cobrado nas farmácias brasileiras por uma caixa com quatro comprimidos de 50 miligramas. O paradigma dos EUA, onde 3 milhões

¹Esse e os demais exemplos aqui utilizados foram extraído de Pinheiro (2005).

de pessoas usam o Viagra, mostra que o consumo nacional poderia ser maior.] [9 Em outubro, foi lançado no Brasil o Uprima (Leia o quadro). É o primeiro de uma série de concorrentes do Viagra que estarão nas farmácias em breve. “Em cinco anos, teremos opções para vários tipos de paciente”, prevê o urologista paulista Eduardo Bertero.

Duas drogas chegam ao mercado neste ano. O Vardenafil, da Bayer, é um primo irmão do Viagra. Age da mesma forma, mas minimiza efeitos colaterais como dores de cabeça, náuseas e rubor facial. O Cialis, do laboratório Eli Lilly, terá efeito mais duradouro. Vai atuar no sangue por 17 horas, período quatro vezes maior que o da ação do Viagra. Com um comprimido, o homem poderá desfrutar melhor uma relação sexual. A Pfizer, fabricante do Viagra, não se assusta. Acredita que um exército de 11 milhões de brasileiros poderia ser beneficiado com seus efeitos. Há espaço para todos.]

Esse trecho, parte de uma reportagem escrita sobre o uso do Viagra no Brasil, compreende duas seqüências textuais, descritas, respectivamente, como segmentos 8 e 9. Quero mostrar, primeiro, a visível mudança de centração na passagem desses segmentos, o que permite identificar que eles recobrem tópicos diferentes. O primeiro enunciado do segmento 8 expressa de forma sumária o seu tema: o espectro da impotência, que, no contexto mais amplo da reportagem, se apresenta como um aspecto da discussão sobre os fatos desencadeados pelo uso do Viagra. Esse enunciado integra os demais em torno desse tema. Já no segmento 9, os enunciados se relacionam à “concorrência”. Além do próprio item lexical “concorrentes”, ocorre uma série de outros itens relacionados a esse assunto (Uprima, teremos opções, Vardenafil, Cialis, Há espaço para todos).

Além da centração, uma outra propriedade que caracteriza o tópico é a organicidade. Para Jubran et al. (1992), a organização tópica pode ser observada em dois níveis: no plano hierárquico e no plano seqüencial. No plano hierárquico, as seqüências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, dando origem a quadros tópicos, caracterizados, obrigatoriamente, pela centração num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos co-constituintes; e, possivelmente, por subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente, “de forma que um tópico pode vir a ser ao mesmo tempo supertópico ou subtópico, se mediar uma relação de dependência entre dois níveis não imediatos” (1992, p. 364).

Quadro Tópico (QT) constitui, como o tópico, uma noção abstrata e relacional, cujo estatuto concreto é determinado pelo nível de hierarquia selecionado pelo analista, para operar na descrição de uma *corpus*. É essa seleção que vai definir concretamente o QT tomado para análise em cada caso. Tendo em vista que cada tópico tem um valor relacional na linha de subordinadas contínuas, o recorte de QT feito pelo analista fixará, conseqüentemente, em cada caso, a condição de super ou subtópico (JUBRAN et al., 1992, p. 364).

No que diz respeito ao plano seqüencial, dois processos básicos caracterizam a distribuição de tópicos na linearidade discursiva: a continuidade e a descontinuidade. A continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos, com abertura de um tópico subsequente somente quando o anterior é esgotado. A descontinuidade se caracteriza por uma perturbação da seqüencialidade linear, causada ou por uma suspensão definitiva de um tópico, ou pela cisão do tópico, que passa a se apresentar em partes descontínuas (JUBRAN, 1993).

Jubran et al. (1992, p. 366) observam que a organização seqüencial, que é perturbada na linearidade, tende a se estabelecer hierarquicamente, ou seja, “a continuidade, postulada em termos de só se abrir um novo tópico após o fechamento de outro, reaparece nos níveis mais altos da hierarquia da organização tópica”.

Operando com a categoria de tópicu discursivo, Jubran et al (1992) chegam à identificação e delimitação de segmentos tópicos, “isto é, unidades discursivas que atualizam as propriedades do tópicu” (1992, p. 363). Dessa forma, enquanto o tópicu discursivo é uma categoria analítica abstrata, o segmento tópicu é a seqüência textual que preenche as propriedades dessa categoria.

O segmento tópicu é, portanto, a unidade que, em termos de centração, revela concernência e relevância no conjunto de seus elementos e se localiza num determinado ponto do evento comunicativo (pontualização), submetida à organização tópica negociada pelos falantes. O segmento tópicu, em outras palavras, constitui cada conjunto de enunciados tematicamente centrados.

Os diferentes gêneros textuais apresentam uma extensão variada, por isso é necessário recortar uma unidade menor para analisá-los. Na perspectiva de que a topicalidade é um princípio geral de organização do texto, o segmento tópicu se apresenta, então, como a unidade de composição do texto.

Como unidade de composição textual, o segmento tópicu reúne as mesmas características formulativo-interacionais do texto, ou seja, se constitui como uma unidade estrategicamente organizada veiculadora de sentido. Trata-se, portanto, de uma unidade compatível com a análise textual-interativa, sobretudo se comparado à oração, à proposição ou à seqüência, unidades que não dão conta de dados pragmáticos-textuais, “que interessam fundamentalmente a uma perspectiva discursiva de análise” (JUBRAN et al., 1992, p. 359).

Operando com a categoria de tópicu discursivo, e sob a perspectiva textual-interativa, alguns autores têm desenvolvido estudos sobre as estratégias e mecanismos de construção textual². Só para ilustrar, remeto a alguns dos estudos publicados no volume VII da Gramática do Português Falado (NEVES, 1999).

Koch (1999) examina um tipo de articulação tema-remata em que, em virtude de deslocamentos de constituintes, ocorre um grau de segmentação sintática do enunciado. Para a autora, nesse caso, há a utilização de estratégias de tematização e rematização, ou seja, de deslocamentos do tema ou do remata. Para a autora, entre outras funções de natureza textual-discursiva, a tematização é uma estratégia de introdução e mudança de tópicu. Fávero, Andrade e Aquino (1999) investigam a correção como um processo de formulação do texto falado. Para as autoras, uma das funções dessa estratégia é orientar o foco de atenção para elementos específicos sobre o tópicu, através da adequação de um enunciado ao conteúdo tópicu. Marcuschi (1999) trata dos aspectos textuais-discursivos da hesitação. Na análise dos papéis da hesitação, o autor propõe a sua distribuição em três classes: papéis formais, papéis cognitivos e papéis interacionais. Os papéis cognitivos se relacionam a “todos os fenômenos relacionados à compreensão, intenção e organização tópica” (1999b, p. 188). Entre os papéis cognitivos mais comuns da hesitação, o autor destaca: sinalização de saturação de tópicu, sinalização de atividade de compreensão, indicação de organização tópica e atividade de planejamento.

Um achado comum desses trabalhos é o fato de que as funções das estratégias de construção textual se relacionam ao percurso do tópicu, ou seja, como o tópicu entra no discurso (introdução), como se mantém em cadeia (manutenção) e como sai (mudança). A questão da gestão do tópicu permeia, portanto, praticamente todas as estratégias textuais e interacionais estudadas, nesses e em outros estudos.

² Embora todos esses trabalhos se vinculem ao enfoque textual-interativo, em muitos deles, a questão da integração dos aspectos formulativos e interacionais não é tão evidente ou explicitada no decorrer das análises.

3. UMA ANÁLISE COM ENUNCIADOS METADISCURSIVOS

O que caracteriza o metadiscurso é a propriedade básica da auto-reflexividade. Segundo Jubran (2002, p. 01), essa auto-reflexividade do metadiscurso “promove a conjunção do que é dito com o ato de dizer, na medida em que referencia, no corpo do texto, a atividade enunciativa que lhe dá origem”.

Os enunciados metadiscursivos têm um estatuto discursivo diferente do dos enunciados veiculadores de conteúdo informacional. “Enquanto esses atuam imediatamente no plano ideacional, aqueles atuam no âmbito da atividade enunciativa, tomando-a como objeto de referenciação” (JUBRAN, 2000, p.97). O fundamento dessa diferença, no entanto, não pressupõe que o metadiscurso esteja desvinculado do contexto em que se situa. Na verdade, ele exerce um papel importante no estabelecimento da significação de base informacional, porque a ancora no espaço discursivo que a gerou.

A função textual-interativa do procedimento metadiscursivo é enfocada por Jubran (2002). Em um estudo sobre marcadores metadiscursivos provenientes da classe de numerais, como “em primeiro lugar”, “ponto um... ponto dois”, a autora mostra que esses marcadores assumem duplamente funções textuais: indicar estruturação tópica, e interacionais, marcar relevo, por exemplo. Vê-se também, nesse estudo, o metadiscurso como um processo textual-interativo em cuja análise entra a noção de tópico discursivo.

Em Pinheiro (2005), considero as formulações metadiscursivas como um mecanismo de articulação tópica, entendida como uma estratégia textual-interativa. Mostro que a função textual que essas formulações têm de vincular na linearidade do texto segmentos tópicos ou enunciados que integram um dado segmento não se dissocia de outras funções de natureza interacional. Destaco a seguir alguns exemplos ilustrativos dessa compreensão.

No trecho (02), a formulação “como se vê” constitui um discurso e um comentário sobre o próprio discurso no qual está imersa, fato que a caracteriza como metadiscursiva. Ao articular os dois tópicos (*Abordagens cogitadas*, segmento 1, e *Abordagem adotada no artigo*, segmento 2), essa formulação exerce uma função dupla, uma interacional e uma textual, porque chama a atenção do leitor para o acompanhamento da progressão tópica do texto na medida em que toma como escopo uma informação decorrente do primeiro tópico (as várias possibilidades de abordagem do tema Aids) para encaminhar o segundo (a abordagem que será dada à Aids no artigo).

(02)

[1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre o tema “Aids e Sexualidade”, deparei-me com várias possibilidades de abordagem, todas igualmente interessantes e importantes para o conhecimento das relações entre a “epidemia do século” e a sexualidade humana. Poderia centralizar esta exposição nas implicações sociológicas provocadas pelo surgimento da Aids na alteração dos padrões ideológicos e nas condutas sexuais da população, desvendando os mecanismos que têm levado à estigmatização de certas minorias sociológicas identificadas como praticantes de comportamentos sexuais de risco, como os homossexuais masculinos, as pessoas promíscuas, as que vivem de prostituição, etc. Uma outra perspectiva sugerida pelo mesmo tema, seria aprofundar as reações psicológicas provocadas por esta síndrome no comportamento sócio-sexual dos indivíduos: em que medida o medo da contaminação pelo vírus da Aids, o HIV, tem modificado os hábitos sexuais da população em geral, provocando novas ansiedades ou neuroses

coletivas, a “Aidsteria”, sobretudo nos chamados grupos de risco, receosos não só da contaminação, mas também de terem seus “desvios” sexuais clandestinos tornados públicos no caso de virem a contrair tão estigmatizante doença. Cogitei ainda um terceiro enfoque para este mesmo tema, “Aids e Sexualidade”: os efeitos econômicos desencadeados pela epidemia no universo da sexualidade. Poderia começar pelo nível macroeconômico, trazendo à baila a polêmica discussão sobre a paternidade do HIV: seria um vírus criado pelos laboratórios capitalistas, para dizimar populações indesejadas, e vender medicamentos para seu tratamento, ou tratar-se-ia de um vírus inventado pelo bloco comunista e disseminado secretamente pela KGB no Metrô de Nova York a fim de destruir o rival libertino? Ou então, deslocando a análise para a esfera microeconômica: que efeitos perversos a Aids vem provocando na indústria do sexo, com o fechamento ou drástica redução orçamentária dos motéis, saunas e das diferentes formas de prestação de serviços sexuais? Ou ainda: quais os efeitos desta epidemia mundial no mercado de preservativos, lubrificantes e demais produtos destinados ao novato “sexo sem risco”?

[2 Como se vê, inúmeras alternativas teóricas ou empíricas se apresentam ao estudioso a partir deste único tema. Após refletir sobre estas três possibilidades de relacionar Aids e Sexualidade - a sociológica, a psicológica e a econômica - decidi concentrar minhas indagações num nível mais pragmático- ou profilático, se preferirem - perspectiva inquestionavelmente mais excitante que as anteriores. (...)

Merece destaque, no contexto de seqüenciação, tanto intra como intertópica, a função interacional das formulações metadiscursivas de indicar o estatuto discursivo do segmento ou do enunciado que elas escopam. O trecho de um artigo científico, destacado em (03), pode ser tomado como um exemplo disso. O último parágrafo do tópico *Liberção do discurso sexual*, segmento 5, começa com a formulação metadiscursiva “em resumo”, que, numa relação intratópica, articula os enunciados desse parágrafo aos precedentes, sinalizando que ele tem um estatuto discursivo diferente dos anteriores, ou seja, o de síntese das informações anteriormente expostas. Enquanto os enunciados anteriores desenvolvem o tópico, o conjunto que integra o último parágrafo resume esse tópico.

(03)

[5 DESBLOQUEIO DO DISCURSO

Já é clássica a oposição proposta por Michel Roucault, de um lado a “ars erótica” das civilizações orientais, onde a verdade do sexo é extraída do próprio prazer, e a sexualidade encarada como busca da satisfação máxima; do outro lado, a “scientia sexualis”, típica do nosso mundo ocidental, onde a verdade do sexo se obtém a partir da prática do discurso sexológico, em função de uma forma de poder-saber que tem na confissão seu principal fundamento.

(...)

Num dos primeiros folhetos produzidos pelo Ministério da Saúde, intitulado “Aids, quanto mais você conhece, mais pode evitar”, na parte dedicada ao sexo sem risco, podemos ler: “A forma mais segura que se conhece para evitar o contágio da Aids é o uso do preservativo de borracha, a camisinha. Com ela o vírus não entra em contacto com o órgão genital do parceiro. Homem ou mulher, estabeleça o uso do preservativo nas suas relações. Converse com seu parceiro. Deixe claro que não é uma questão de desconfiança, mas um meio seguro de prevenir a doença”.

Em resumo: malgrado a forte oposição dos setores mais moralistas de nossa sociedade, notadamente da CNBB, informações detalhadas sobre o sexo sem risco passaram a fazer parte integrante de todas campanhas contra a Aids tornando a sexualidade tema muito mais freqüente de conversa e discurso do que no período da decantada euforia da revolução sexual. Nunca se falou tanto de sexo como depois da Aids: nas prateleiras das livrarias os livros sobre sexo aumentam dia a dia; cursos e conferências sobre educação sexual tornaram-se moda; o sexo por telefone, ou através do computador ganha mais adeptos nos países mais modernos. Finalmente, a língua travada por tantos séculos, foi liberada. Somos contemporâneos da “desnefandização” da sexualidade: o que era proibido falar tornou-se tema de conversas, músicas, manchete dos jornais. Com a Aids, a *scientia sexualis* tornou-se objeto de consumo universal: falar abertamente sobre sexo faz parte da profilaxia da epidemia do século. Nos Estados Unidos, campanhas enfatizam a urgência de dialogar sobre sexualidade com todos os grupos, inclusive com as crianças e adolescentes: ‘ Você está falando sobre Aids com as crianças?’ é a frase de um broche (botton) muito distribuído na última Conferência Internacional de Aids em S. Francisco.]

As formulações metadiscursivas realizam ainda a articulação em contextos de mudança tópica, tanto entre tópicos integrantes de um mesmo quadro tópico, como entre quadros tópicos de níveis hierárquicos diferentes. O procedimento metadiscursivo permite que, além da indicação da mudança de centração, o locutor também anuncie o novo tópico, direcionando para ele a atenção do interlocutor. No exemplo (04), trecho de uma da carta pessoal, a mudança de centração que ocorre na passagem do segmento 8, fragmento do tópico *Viagem para Recife*, para o segmento 9, tópico *Rotina*, é indicada pela formulação “agora, a minha rotina”. Através do “agora”, que tem como ponto de referência o momento do texto no qual se inicia o tópico, o escrevente marca pontualmente esse momento, em uma atividade de auto-reflexividade metadiscursiva. Com a nomeação do tópico, “a minha rotina”, ele realiza outro procedimento metadiscursivo, através do qual seleciona o tópico, preparando o seu leitor para recebê-lo.

(04)

[8 Não sei ao certo se vou ou não, mas fique certa que farei de tudo para conhecer vocês o mais rápido possível. *Posso te dizer uma coisa? Adoro muito vocês!*]

[9 **Agora, a minha rotina:** Às segundas, quartas e sextas-feiras trabalho de 8:00 às 17:00h, em Botafogo - Rio. De lá vou para o CEFET, minha aula vai de 18:30 às 22:40h. Chego aqui em Niterói quinze para meia-noite. E às terças e quintas fico em Furnas só de 8:00 às 12:30h. Vou para o CEFET; às 13:30 começa o meu curso de Francês (vou me formar ano que vem) e vai até 15:30h. 16:00h vou dar aula e fico até 17:30h. 17:40h às 18:30h faço natação (no CEFET também) e até 22:40h tenho aula. É barra, por aí você vê porque eu demoro tanto a escrever. E ainda nas horas vagas estudo para o Vestibular!] [10 Ontem eu e Simone fizemos 3 meses de namoro; você sabia que eu estava namorando? Ela mora aqui mesmo no ((ilegível)) (nome do condomínio). A gente se gosta muito, às vezes eu acho que nunca vamos terminar, depois eu acho que o namoro não vai durar muito, entende? O problema é que ela é muito ciumenta, principalmente porque eu já fui a fim da Betinha, que mora aqui também. Nem posso falar com a garota que Simone já fica com raiva. Ontem mesmo, só porque eu cheguei da janela e, como ela foi a 1 pessoa que eu vi, pedi que me esperassem (*fomos à Kool Ibiza*); só que Simone estava perto e, sinceramente, não a vi. Senão é claro que teria falado com ela que é minha namorada. Acabamos brigando, depois ficou tudo bem. Vamos ver!]

Além desses procedimentos metadiscursivos empregados na articulação tópica em contexto de mudança, ocorre também o de fazer menção ao tipo de atividade discursivo-enunciativa que será realizada durante a construção do tópico. É o que acontece em parte da palestra, destacada em (05), com a formulação “analiso agora o problema da conciliação”. Além dos procedimentos metadiscursivos realizados pelo “agora”, que indica o momento do texto em que se inicia o tópico, e pelo “o problema da conciliação”, que o seleciona e nomeia, ocorre a indicação do fato de que o tópico será abordado a partir de uma postura analítica do enunciador. Esse procedimento está presente no “análise”, que faz referência a essa postura, explicitando-a. A formulação metadiscursiva, que é constituída por uma unidade frasal que comporta diversos recursos metadiscursivos, articula o tópico *Aplicação no caso do segurado 663681-04/43*, segmento 8, ao tópico *Conceitos*, segmento 9, ambos subtópicos de quadros tópicos diferentes. Nesse movimento textual articulador, o palestrante orienta os seus ouvintes para a mudança de tópico, prepara-os para o tópico seguinte e destaca a postura analítica que irá adotar.

(05)

[8 pergunto aos senhores ao segurado meia meia três meia oito um traço zero quatro barra quarenta e três...o direito material sim... profundamente porque foi reconhecido o direito a revisão: na sua/ nos seus proventos de aposentadoria ¯ agora vem o processo civil através de suas amarras e por oito anos... após cinco anos de luta de direito e material e: e formal (0.2) e: nega à aplicação deste direito justo (0.3) temos que rever (0.2) estes aspectos... viu (0.3) e fazer com que (0.3) o processo civil... encontre... soluções (0.3) hoje buscadas embora de modo TÍMIDO do meu entender... pela reforma que se iniciou do do no final de mil novecentos e noventa e quatro ¯ ou e: **meses e meses** antecedentes mais de qualquer maneira é uma esperança viu... que :: (0.2) modificações ocorra o tempo faz com que: e e olho aqui para o relógio e vejo que só estão: me fal/ **só estão:...** me restan:do cinco minutos ¯ (0.3)] [9 **analiso agora o problema da conciliação** (0.4) nós sabemos que: todos nós sabemos e defendemos... que... (0.4) o estado democrático (0.3) defendido e implantado na constituição federal deve construir uma sociedade fraterna ¯ fundada na harmonia social e comprometida das soluções pacíficas das controvérsias... tais valores entre tantos outros (tosse) estão postos a carta magna nunca foram merecedores de destaque do ordenamento jurídico processual brasileiro por exemplo... o valor de haver harmonia social do processo ser dirigido para imposição: da harmonia social através da conciliação... vejam que no preâmbulo da carta magna... viu... estará a pregação de que a função do estado brasileiro é resolver na ordem interna os seus conflitos: TOS através da conciliação como também na ordem... na ordem externa ¯...]

4. CONCLUSÃO

Minha intenção com este trabalho foi contribuir para a discussão sobre a delimitação de uma unidade analítica compatível com o enfoque textual-interativo. Muitos são os trabalhos que definem o tópico como a questão de interesse imediato, que descreve o conteúdo sobre o qual se fala/escreve, sinalizando a perspectiva focalizada. Nesse sentido ele é visto como uma categoria de base textual, ou seja, relaciona-se ao plano global de organização do texto. Mas é visto também como uma categorial interacional, à medida que é uma entidade pertinente para os locutores, que atribuem a ele propriedades específicas, conforme suas práticas interacionais.

Assim, vejo na observação do percurso do tópico no texto um procedimento importante para se buscarem as “marcas do processo formulativo-interacional, a serem detectadas nas descrições da organização do texto” (KOCH et al., 1994, p.5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, G. & YULE, G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. da C. V. de O. e AQUINO, Z. G. O. (1999). A correção do texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H. de M (org.). *Gramática do português falado*, vol VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Campinas/SP: Editora da Unicamp.
- GIVÓN, T. (1993). *English grammar: a functional-based introduction*. Philadelphia: J. Benjamins.
- GORSKI, E. (1994). *O tópico semântico-discursivo na fala e na escrita*. Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, Rio de Janeiro.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. (1992). Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*, vol. II. Campinas/SP: UNICAMP, São Paulo: FAPESP.
- JUBRAN, C. C. A. S. (2000). Metadiscorso em entrevista televisiva: um enfoque interacional. *Scripta*, v. 4, n.7.
- _____. (2002). Marcadores metadiscursivos em entrevista televisiva: funções textuais-interativas. *Estudos Lingüísticos*, XXXI, CD Room.
- KOCH, I. G. V. (1999). Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado. In: NEVES, M. H. de M (org.). *Gramática do português falado*, vol VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Campinas/SP: Editora da Unicamp.
- KOCH, I. G. V. et al. (1994). *Proposta teórica do grupo de organização textual-interativa do Projeto de Gramática do Português Falado*. (mimeo).
- MARCUSCHI, L. A. (1999). A hesitação. In: NEVES, M. H. de M (org.). *Gramática do português falado*, vol VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Campinas/SP: Editora da Unicamp.
- MONDADA, L. (2001). Gestion du topic et organisation de la conversation. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 41.
- NEVES, M. H. de M (org.). (1999). *Gramática do português falado*, vol VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Campinas/SP: Editora da Unicamp.
- PINHEIRO, C. L. (2005). *Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica*. Maceió: EDUFAL.